

O seu profissional não tira férias: A linguagem do trabalho mediado por Plataformas Digitais ¹

Marina POLO²

Ligia Coeli Silva RODRIGUES³

Telas – Laboratório de pesquisas em Economia, Tecnologia e Políticas de Comunicação

Resumo

A partir da Economia Política da Comunicação (EPC), a pesquisa analisa a linguagem utilizada por dez plataformas digitais de mediação de trabalho que operam no Brasil. O *corpus*, composto por textos coletados nas páginas oficiais dessas empresas, entre 2020 e 2022, é analisado considerando a interface linguagem-ideologia para compreender os modos como as investidas ideológicas comprometem a auto-organização dos trabalhadores e produzem novos modos de subjetivação. A pesquisa mostrou que as escolhas linguísticas das plataformas revelam ser elementos fundamentais para o papel da mediação que se cumpre entre as partes laborais.

Palavras-chave: Trabalho; plataformas digitais; linguagem; mediação do trabalho; freelancer.

1. INTRODUÇÃO

Os chamados para o trabalho *freelancer* em plataformas digitais aparecem desde a segunda década dos anos 2000, promovidos sob os ideais de emancipação e liberdade, em diálogo com as reivindicações dos setores progressistas da sociedade. Nos marcos do neoliberalismo, porém, ainda que em meio a disputas, as promessas de liberdade se dão em um cenário de concentração do mercado em corporações, em geral, com atuação transnacional. É o que já identificavam Boltanski e Chiapello (2009), ao olhar para textos da área de gestão empresarial dos anos 1960 e 1990, verificando mudanças que conduziram à reformulação de um “novo espírito do capitalismo”. A linguagem do novo capitalismo, para Chiapello e Fairclough (2002) é uma construção necessária para mediar

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade, pela Universidade do Minho. email: marina@marinapolo.net.

³ Doutora em Comunicação, professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: ligia.rodrigues@ufca.edu.br.

as relações laborais em acordos com cada vez menos direitos para os trabalhadores. As plataformas digitais se valem de discursos que complexificam a imagem da concorrencialidade e da percepção das relações no mundo do trabalho apresentadas sob a forma de colaboração e empreendedorismo. Os discursos, que antes apresentavam uma opção para o trabalhador ganhar uma renda extra com o trabalho remoto, foram substituídos pela perspectiva da imposição de transformação no mundo do trabalho como algo inevitável e sem alternativas (Filgueiras, 2021). A apropriação dos sistemas tecnológicos por empresas de cunho monopolístico, em um período marcado pela ampliação da subsunção do trabalho ao capital (Bolaño, 2002), aprofundou as desigualdades sociais de poder.

Nesta pesquisa, miramos criticamente as mudanças nas relações de trabalho nas últimas décadas, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Economia Política da Comunicação (EPC), em diálogo com os estudos críticos em linguagem. No atual tempo histórico, as plataformas digitais são agentes centrais de mudanças, promovendo a organização das relações de compra e venda da força-de-trabalho em configurações que nos desafiam a compreender como, e por quais atores, estão sendo organizadas.

O vasto debate na literatura sobre as relações entre trabalho e tecnologia, assim como as discussões sobre estes fenômenos na sua relação com a linguagem, ancoraram as discussões empreendidas aqui. As narrativas sobre como as tecnologias de informação iriam revolucionar o mundo do trabalho são colocadas em contraponto com as teorias críticas da tecnologia para afirmar o desenvolvimento tecnológico como um construto social em constante disputa, por sua vez fundamental para uma mudança radical da organização das relações de trabalho, em direção a concretização de garantias e direitos para os trabalhadores.

No decorrer do trabalho, apresentamos a análise de trechos discursivos coletados, entre 2020 e 2022, nos sites de dez plataformas digitais de mediação de trabalho no setor de comunicação: Workana, Freelaweb.com.br, 99 Freelas, Get Ninjas, Freelas, Comunica Freelancer, We Do Logos, Vintepila, Vinteconto e Rockcontent Talent Network⁴. A análise foi empenhada considerando que a linguagem atua como *medium*

⁴ O trabalho integra uma pesquisa mais ampla em andamento através do Laboratório de Pesquisa em Economia, Tecnologia e Políticas da Comunicação (TELAS), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

das relações de produção no mundo do trabalho (Figueiredo, 2022), sendo um elemento importante para situar as mudanças nas formas de ampliação da exploração do trabalho.

As plataformas digitais são elementos centrais do atual tempo para a compreensão da ampliação da exploração do trabalho. Com o objetivo de responder sobre como as relações entre os utilizadores das plataformas são mediadas pelo uso da linguagem e o modo como estas relações são representadas nas plataformas, recorreremos à crítica da ideologia, na interface linguagem-ideologia, para apreender a relação histórica materializada na linguagem sobre o trabalho como prática discursiva e social (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2001; Magalhães, 2004).

2. DOS IDEAIS DA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL ÀS NARRATIVAS ILUSÓRIAS SOBRE UMA NOVA ERA DO TRABALHO

“Bem-vindos à Nova Era do Trabalho” é a frase que aparece publicada, desde maio de 2022, na página principal da plataforma Workana. A perspectiva de ruptura com o passado, no entanto, nem se traduz em uma mudança radical nas relações de produção, nem confere mais poder para o trabalhador. Em uma perspectiva histórico-estrutural, a previsão de uma transformação social radical alavancada pelas tecnologias da informação e da comunicação, ainda que não sob esse rótulo, tem sido anunciada em combinação com os ideais do fim da ideologia (Bell, 1980) e na transposição para uma nova ideologia pós-industrial que ganhou lastro com o contexto da reestruturação da orientação política do mundo pós-guerras.

O modelo fordista como forma de divisão do trabalho reforçou a relação entre a produção industrial voltada para o acúmulo do capital e entre a indústria e o desenvolvimento das ciências e das tecnologias. Nesta trilha, entre as décadas de 50 e 70 do século XX, ficaram em evidência os discursos sobre uma sociedade “tecnocrônica” (Brzezinski, 1971), ou do conhecimento (Bell, 1977), que estaria predestinada a avançar do fordismo para uma nova era. Nas palavras de Bell (1977, p. 241), a sociedade “pós-industrial constitui uma sociedade do conhecimento”, na qual a informação substituiria os modos de produção de bens materiais.

As narrativas sobre como as tecnologias de informação iriam revolucionar a sociedade encontraram alicerce em pesquisas científicas que ocorreram a partir da década de 40 do século XX (Shannon; Weaver, 1949; Wiener, 1966, 1985) e contribuíram para

que as criações tecnológicas da humanidade fossem associadas ao ideal de desenvolvimento da sociedade pós-industrial ou da informação:

É preciso compreender que os engenhos cibernéticos, sendo fabricados, corporificam os modos de pensar humanos, refletem o estado dos conhecimentos possuídos pelo cientista sobre as propriedades dos corpos e forças naturais com que opera e que aplica na pesquisa de algum objeto (Vieira Pinto, 2005a, p.113).

O pensamento cibernético, servindo-se dos limites da lógica formal dos cientistas, a que Vieira Pinto (2005a, p.98) chama de “cibernéticos”, possibilitou uma visão da comunicação reduzida a um canal e submetida aos modos de acumulação da indústria e do comércio, orientada pelos principais países capitalistas. Das “travessuras verbais da cibernética festiva” (Pinto, 2005b, p.536) ficaram expressões como o “fim do trabalho” e o “pensamento artificial”, presentes nos modos como falamos e pensamos sobre as máquinas até o momento. Filgueiras (2021, p.33) menciona que uma narrativa fartamente reproduzida no Brasil, por exemplo, é a de que o foco na qualificação e o uso das tecnologias impactaria no saldo total do emprego, com uma migração dos postos de trabalho, de ocupações mais básicas para outras mais qualificadas. O autor sinaliza para o cuidado de não “[...] tomar como certos os nomes que as empresas declaram em contratos ou pressupor que estes definem o conteúdo real das relações” (Filgueiras; Cavalcante, 2020, p.35).

A ideia de uma sociedade pós-industrial é adotada pelos que veem em fenômenos como a redução do número de trabalhadores formais, o fechamento de fábricas e o crescimento dos chamados serviços, além da financeirização, uma ruptura com os velhos tempos. No entanto, uma análise crítica e conjuntural das relações de trabalho e das interpelações históricas do neoliberalismo possibilita compreender que a manutenção de determinados modos de produção são tão significativas quanto as transformações que se deram com o desenvolvimento tecnológico:

Na verdade, o progresso tecnológico que então se descortina seguirá uma linha de crescente distanciamento do pensamento em relação à realidade imediatamente perceptível, construindo-se conexões cada vez mais sutis, mais invisíveis, a ponto de justificar, na aparência, a ideologia da imaterialidade, ou da virtualidade, a partir do momento em que, com a revolução da microeletrônica, a máquina passa a ser concebida como uma união de elementos opostos: *hardware* e *software*.

Com isso, a separação entre trabalho manual e intelectual de que falava Sohn-Rethel se reproduz no próprio equipamento, facilitando a subsunção do trabalho intelectual que caracteriza a Terceira Revolução Industrial (Bolaño, 2016, p. 14).

Feenberg (1990), ao estudar os discursos pós-industriais no limite das possibilidades do desenvolvimento capitalista, reconhece a continuação da lógica que condiciona a divisão do trabalho através de controles cibernéticos para o maquinário e oferece demonstrações de que o computador é uma tecnologia ambivalente, que tanto pode ser inserida como um meio de controle, na lógica de uma “ideologia gerencial” (Noble, 1977) assim como, por outro lado, pode possibilitar e melhorar a atividade autogerida, na medida em que as potencialidades tecnológicas sejam utilizadas para a disputa de poder pelos trabalhadores. As plataformas digitais, na medida em que atuam no sentido hegemônico do desenvolvimento tecnológico, ainda que em meio a lutas que também se dão nesse espaço, constituem uma base material para a ideologia neoliberal, na qual o uso da linguagem é um elemento fundamental da mediação entre as partes laborais.

2.1 A linguagem especulativa em relação ao futuro

Os modos de pensar as possibilidades tecnológicas com linguagem especulativa em relação ao futuro estão presentes nas plataformas nas quais vemos o legado discursivo de terminologias como a “indústria baseada no conhecimento” (Machlup, 1962), “economia da informação” (Porat, 1977) e “sociedade do conhecimento” (Bell, 1977). São narrativas que dizem sobre uma completa transformação no mundo do trabalho. A crítica às narrativas em torno do “novo” no mundo do trabalho considera que na disputa política, em que os discursos jogam papel muito importante (Filgueiras, 2021), usar a ideia de novidade como sinônimo de progresso é uma estratégia. Para exemplificar como as plataformas analisadas se utilizam desse recurso, selecionamos os seguintes trechos (Tabela 1).

Tabela 1 - A linguagem entusiástica das plataformas

Plataforma	Construções narrativas sobre novidades no campo do trabalho
Workana	Desde 2012 revolucionamos o mundo do trabalho com nossa proposta.
Workana	Acreditamos que há uma nova forma de trabalhar.

We Do Logos	Nós estamos mudando a forma de se criar design profissional através da nossa plataforma.
We Do Logos	Conheça o modelo revolucionário da We Do Logos.
99Freelas	O futuro do trabalho <i>freelancer</i> .
GetNinjas	Em nossas redes você vê de perto a revolução no mercado de serviços.

Fonte: as autoras, 2023.

No discurso das plataformas, a ênfase na capacidade transformacional dispensa a análise conjuntural das relações de trabalho e a análise crítica das interpelações históricas do neoliberalismo. São narrativas embaladas por promessas de que a tecnologia deixará o trabalho mais livre e criativo (Filgueiras, 2021, p.117) e por anúncios que ilustram o que Filgueiras (2021, p.116) chama de “as ‘novidades’ como ferramentas de promoção do velho”. Movimento em que o capital se utiliza do discurso com o objetivo de convencimento dos trabalhadores e instituições (inclusive os sindicatos), de que há uma necessidade de adaptação a essa suposta nova realidade. – o que inclui desde mudanças na postura individual dos trabalhadores até mudanças nas leis. Para o autor, os anúncios pautados nas transformações ilustram as tentativas de “[...] inculcar no conjunto da sociedade que suas consequências são boas ou inevitáveis e que a resistência ou as soluções alternativas são impossíveis ou desastrosas para as pessoas que vivem do trabalho” (Filgueiras, 2021, p.17).

Durante a análise, percebeu-se que para os contratantes, os discursos são construídos reforçando a ideia de que a proteção ao trabalho joga contra a inovação tecnológica e, por isso, em uma nova era do trabalho, é preciso flexibilizar ou simplesmente livrar-se de regras que atrapalham prazos e processos. Para formar estoques de trabalhadores disponíveis, os mesmos são colocados em concorrência permanente. No discurso para os trabalhadores, identificou-se a promessa do tempo livre, ofertas de trabalho ilimitadas e o reforço da ideia de que, entre empresa e trabalhadores, não há rivalidade mas ganho mútuos, mesmo que não deliberados, em que cada parte busca seu interesse individual e todos se harmonizam (Filgueiras, 2021).

Assim, um projeto tecnológico que colabora para uma mudança social radical deve considerar as disputas discursivas em jogo, uma vez que “[...] o capital tem se apropriado e distorcido um número crescente de terminologias que fazem ou podem fazer parte da plataforma das forças de trabalho” (Filgueiras, 2021, p.186).

3. A REPRESENTAÇÃO DOS UTILIZADORES DAS PLATAFORMAS

Nos termos de uso das plataformas encontramos os usuários divididos entre contratantes e profissionais, sendo estes últimos as pessoas que trabalham desenvolvendo atividades variadas, na área da comunicação, trabalhos em design, marketing, jornalismo, audiovisual, programação, edição de vídeo, fotografia, entre outros. O uso de determinados modos de nomear trabalhadores(as) indica uma escolha importante das plataformas, assim como o apagamento do próprio termo “trabalhador” em substituição de expressões como “usuários”, “prestadores de serviços” e “produtores de conteúdo”. A Tabela 2 apresenta as definições mais frequentes utilizadas pelas plataformas:

Tabela 2 - Definição do trabalhador

Definição do Trabalhador	Plataformas
Profissional / profissionais	99 Freelas, Get Ninjas, Workana, Comunica Freelancer, Freelas, We Do Logos, Vinteconto
Freelancer / freelancers	99 Freelas, Workana, Comunica Freelancer, Freelas
Vendedor	Freelaweb, Vinteconto, Vintepila
Usuário	99 Freelas, Vintepila
Prestador	Get Ninjas
Colaboradores, colaboradoras	Workana, Freelas
Produtor de conteúdo independente	Rockcontent talent

Fonte: as autoras (2023).

A nomeação mais frequente é “profissional”, seguida de “freelancer”, considerando que o termo “profissional freelancer” também é utilizado. O termo “freelancer” aparece na maioria das plataformas sem que uma caracterização seja apresentada. Neste modo, o trabalhador recebe de acordo com a demanda, o que permite o pagamento de salário por peça, já descrito por Marx como uma forma metamorfoseada do salário por tempo, sem que a essência do trabalho seja alterada. É nesse contexto que emerge a mediação do trabalho por plataformas digitais. A Comunica Freelancer, plataforma que iniciou as suas atividades em 2009, uma das primeiras a fazer a mediação de trabalho na área da comunicação no Brasil, define:

[...] Freelancer é um termo em inglês que denomina o profissional autônomo, que se emprega em várias empresas ao mesmo tempo ou que desenvolve Projetos de forma individual independente - entendido também por trabalho temporário, job por projeto, atividade realizada para uma atividade específica por um tempo acordado. É uma tendência nas áreas de tecnologia da informação, comunicação, marketing, design, publicidade, fotografia, programação e desenvolvimento de sites, softwares e aplicativos, entre outros. O termo Freelancer também é conhecido por Freela, Frila, Free-lancer.⁵

No trecho, vemos eufemizada a necessidade de acumular diversas frentes de trabalho diante da ideia de que, no regime remoto, o trabalhador detém o controle do seu tempo e das condições laborais. Em nenhuma das plataformas as palavras “trabalhador” ou “trabalhadora” é mencionada e, quando referidos em grupo, a nomeação se dá partir de recursos linguísticos que manipulam as subjetividades com o uso do pronome possessivo: “Nossas Freelas te enviam suas propostas sem compromisso”; ou o uso do artigo indefinido: “Contrate uma Freela”, “Seja uma Freela” ou, na We do Logos, “Precisando de um Welancer?”. São estratégias que fragilizam a capacidade de organização dos trabalhadores enquanto classe e categoria organizada. O uso de recursos linguísticos, como o pronome possessivo e o uso do artigo indefinido, são estratégias utilizadas para manipular as subjetividades para que o trabalho se concretize nos limites da plataforma.

Mesmo sem participar do mercado de trabalho formal, as pessoas interessadas em trabalhar precisam se submeter ao vínculo com as plataformas para que, em seus termos, possam ser validadas como profissionais. Para isso, contraditoriamente, o(a) trabalhador(a) precisa dissociar-se da marca de independência e associar-se à identidade da plataforma: ser um “profissional GetNinja”, um dos “nossos Rockers”, um “Welancer”, uma “Freela” ou, como coloca a RockContent, “pertencer a uma comunidade de especialistas eficientes”. Assim, as plataformas se apresentam como recurso fundamental de mediação da relação laboral.

3.1 “Livre-se das burocracias”

Nas plataformas observamos uma construção discursiva que se pauta na alegação de diminuir burocracias e ter ofertas ilimitadas de trabalhadores a custos irrisórios.

⁵ Disponível em: <https://web.archive.org/web/20201001123929/https://www.comunicafreelancer.com.br/como-funciona>

Destacamos (Tabela 3) os trechos que ilustram como as plataformas não apenas negam a natureza assalariada da relação entre empresa e trabalhadores mas rejeitam o próprio caráter laboral da relação, ao colocar os trabalhadores na condição de clientes das empresas (Filgueiras; Cavalcante, 2020, p.18).

Tabela 3 - Construção discursiva de negação do assalariamento

Além de não precisar pagar férias, também não tem custo de INSS, benefícios e todas as outras burocracias de se contratar um funcionário.	We Do Logos
Você escolhe com quem quer trabalhar e o preço que está disposto a pagar.	Workana
Livre-se das burocracias, foque apenas no seu talento.	Rockcontent
Seu designer não tira férias. E caso algo aconteça, substituiremos por outro profissional.	We do logos

Além disso, a ideia de ter um verdadeiro estoque de mão de obra é reforçada como vantagem, no sentido de ter acesso irrestrito, sem uma delimitação de horários, por exemplo. Pochmann (2022, p.147) aponta que a consolidação das Leis do trabalho (CLT), que no período de escrita desta pesquisa completou 80 anos, corre o risco de tornar-se letra morta num cenário em que emerge um “modelo privatista de regulação contratual-individual dos trabalhadores”. O autor chama a atenção para um retorno ao primitivismo da condição do trabalho de quase servidão (Pochmann, 2022, p.147). Esses chamados podem ser percebidos nas descrições da Workana, em que os trabalhadores são caracterizados como “profissionais dispostos a te ajudar”, são “híbridos, itinerantes e diversos”.

Na VinteConto a pessoa que trabalha é “quem ama o que faz”, com quem “contamos com paciência, comunicação direta com o profissional, *inúmeras revisões* [grifo nosso] e o que for preciso para que cada ideia seja materializada com sucesso”. Ressalta-se que na plataforma não há orientações explícitas sobre se há e de quanto é o pagamento referente a esses processos de retrabalho. Através de regras de funcionamento próprias (os termos de uso), as plataformas não levam em consideração a legislação social e trabalhista numa dimensão nacional, ao ponto em que assistimos o retorno a um tempo em que as regras laborais eram privadas e circunscritas ao mínimo que era arbitrado pelo patrão no próprio local de trabalho (Pochmann, 2022, p.148).

3.2 “Batalhe pelos projetos e ganhe selos a cada conquista”

O cenário do crescimento econômico nos países do capitalismo central, no alargamento do estado de bem estar social delineado pelo ápice do fordismo, não chegou a ser vivido nos países periféricos do capitalismo. Nestes países, a retórica da guerra, introjetada nas próprias relações sociais, ficou mais em evidência, como uma estratégia de estímulo à concorrência entre os trabalhadores. Ao utilizar recursos que se aproximam de uma construção metafórica de mobilização para a guerra, encontramos trechos discursivos que conduzem à militarização do pensamento e da prática social (Chilton *apud* Fairclough, 2001, p. 242). A ideia da formação de um exército de trabalhadores(as) se mescla a uma série de etapas e condições para conseguir captar serviços e ajudam a estruturar a realidade do trabalho mediado em plataformas.

Na We do Logos, a promessa é a de que “se você se esforçar e participar de vários projetos, você acabará por merecimento chegando aos Top Designers, que são os 100 melhores e mais pontuados profissionais do nosso site”. Na mesma plataforma, as pessoas que trabalham são classificadas a partir de selos que estão relacionados à performance. Menor tempo e maior quantidade de trabalho são os principais parâmetros. O selo “metralhadora”, numa referência direta à uma arma projetada para disparar tiros sucessivos e rápidos, é dado a quem fez dez ou mais artes no menor tempo estabelecido pela plataforma. O “sniper”, um termo utilizado para definir um atirador especial ou atirador de elite, é utilizado na plataforma para carimbar a performance de pessoas que ganham 50% ou mais dos projetos em que participam. Na comunidade da plataforma lemos ainda expressões como “Batalhe pelos projetos e ganhe selos a cada conquista” e “os nossos designers vão *disputar entre si* [grifo nosso] para conseguir te oferecer a melhor opção”.

Expressões militarizadas também foram observadas tanto na descrição de etapas do trabalho quanto na relação que as plataformas estabelecem com os trabalhadores. No caso da GetNinjas, estes são descritos, na seção dedicada à carreiras, como “Product Manager”, “Agile Master” e “Analista de Talentos”, entre outros. A empresa descreve que possui mais de 2 milhões de profissionais cadastrados e explica: “E sabe como isso é possível? Graças ao nosso *clã* [grifo nosso] que é composto por ninjas (...)”. A ideia que deriva desse tratamento de trabalhadores(as) como um clã, agrupamentos que se

presumem ou são descendentes de ancestrais comuns, é a de que há um certo privilégio em fazer parte da equipe.

O processo seletivo da plataforma recorre a elementos que remetem à uma jornada heróica (Campbell, 1995; Fairclough, 2001), em que a pessoa que trabalha, em seu mundo ordinário, do desemprego ou da insatisfação com a atual ocupação, atende ao chamado à aventura para integrar o “clã”, seguido do encontro com o “mentor” (figura marcadamente masculina) e um “bate papo Ninja Sensei e Clã”. Há ainda o enfrentamento de testes que irão qualificá-lo como digno de vencer, expressas em: “[...] entender se as suas habilidades se encaixam dentro do time”. Por fim, a recompensa, quando contratado: “o ninja será convocado a se juntar nessa missão”.

CONCLUSÕES

Nesta pesquisa assumimos a hipótese de que as plataformas, através da mediação, configuram um novo estágio da subsunção real do trabalho. As narrativas ilusórias em torno de jornadas laborais mais flexíveis e com melhores remunerações são utilizadas para atrair trabalhadores(as) para um novo reino da felicidade (Antunes, 2020, p.21) que se prometia com as possibilidades tecnológicas. No entanto, como foi discutido ao longo do texto, em um cenário em que a organização da classe trabalhadora já é fragilizada pelas transformações estruturais e frequentes crises do neoliberalismo, o emprego da ciência e da maquinaria também tem a capacidade de aprofundar as desigualdades da relação entre o capitalista e o trabalhador.

A pesquisa levantou reflexões acerca da linguagem através da qual as plataformas se comunicam com os seus utilizadores, trabalhadores e contratantes, e as suas atividades de comunicação gerais, considerando que estas constituem um dos elementos concretos da mediação para a subsunção do trabalho. Identificou-se que foram utilizadas estratégias discursivas que justificam, legitimam e promovem mudanças funcionais para a codificação dos conhecimentos, o controle dos trabalhadores e das cadeias produtivas, a descartabilidade e a intensificação da exploração da força de trabalho.

O discurso em plataformas evidencia décadas de adesão a uma agenda liberal que encobre a manutenção de uma lógica antiga de produção servil à acumulação e circulação do capital. Os resultados apontam que a linguagem utilizada pelas plataformas busca apagar as contradições inerentes ao acúmulo do capital reforçando valores que não

concretizam garantias e direitos para os trabalhadores. Entre as reflexões levantadas, tem-se que: 1) a linguagem utilizada pelas plataformas encoberta processos de seleção e controle dos trabalhadores e das cadeias produtivas, com forte estímulo à concorrência, a descartabilidade e a intensificação da exploração da força de trabalho; 2) o uso da linguagem é um elemento concreto de mediação para a subsunção do trabalho, com estratégias discursivas que justificam, legitimam e promovem as mudanças no mundo do trabalho.

Sem o confronto com os interesses que levaram ao avanço das lógicas de expansão do uso mercantil da Internet, e uma disputa por alternativas públicas, as plataformas digitais encontraram espaço para se consolidarem como um novo bloco econômico na disputa do capital. Subordinadas aos modos de acumulação da indústria e do comércio, se apresentam como artefatos tecnológicos neutros enquanto, na realidade, controlam ativamente as relações de compra e venda da força de trabalho no seu interior. Neste modo de organização, os trabalhadores estão mais distantes de uma relação que conjugue o discurso da liberdade com a conquista de poder.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BELL, Daniel. **O advento da Sociedade Pós-Industrial**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BELL, Daniel. **O fim da ideologia**. Brasília: UNB, 1980.
- BELL Daniel, GRAUBARD Stephen R. **Toward the Year 2000: Work in Progress**. Cambridge: The MIT Press, 1997.
- BOLTANSKI, Luc. CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999.
- BOLAÑO, C.R. S. Trabalho intelectual, informação e Capitalismo. A reconfiguração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 15, n. 11, p. 53-78, dez. 2002
- BRZEZINSKI, Zbigniew. **Between two Ages: America's Role in the Technetronic Era**. Nova York: Viking Press, 1971.
- CASTELLS, M. (1999). **A sociedade em rede**. vol. I. 6 edição. São Paulo: Paz e Terra.

CHIAPELLO, E.; FAIRCLOUGH, N. Understanding the new management ideology: a transdisciplinary contribution from critical discourse analysis and new sociology of capitalism. **Discourse and Society**, v. 13, n. 2, p. 185-208, 2002.

CHILTON, Paul. **Orwellian language and the media**. London: Pluto Press, 1988.

CHOULIARAKI, L. & N. FAIRCLOUGH. **Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FEENBERG, Andrew. Post-industrial discourses. **Theory and Society**, v. 19, n. 6, 1990. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/BF00191895>>.

FILGUEIRAS, Vitor. “**É tudo novo de novo**”: as narrativas sobre grandes mudanças no mundo do trabalho como ferramenta do capital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FILGUEIRAS, Vitor. CAVALCANTE, Sávio. O trabalho no século XXI e o novo adeus à classe trabalhadora. In: **Dossiê - Trabalho e proletariado no século XXI**. Princípios: teoria, política e cultura. Jul-Out. 2020. ISSN: 1415-1888.

FIGUEIREDO, C. Trabalho e linguagem: ontologia, mediação e discurso na economia política da comunicação. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 24, p. 25-41, 2022. DOI: 10.54786/revista_eptic.v24i3.18002 Acesso em: 02 jun. 2023.

MACHLUP, F. (1962). **The production and distribution of knowledge in the United States**. New Jersey: Princeton University Press.

MAGALHÃES, Maria Izabel Santos. Teoria crítica do discurso e texto. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão (SC), v. 4, n. esp, p. 113-131, 2004.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.

PORAT, M.U. **The information economy: definition and measurement**. Washington: United States Department of Commerce, 1977.

POCHMANN, Marcio. **O sindicato tem futuro?**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2022.

SHANNON, C. E.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949

WIENER, N. **God & Golem, Inc.: a comment of certain points where cybernetics impinges on religion**. Cambridge-MA: MIT Press, 1966.

WIENER, N. **Cybernetics or Control and communication in the animal and the machine**. Cambridge: The MIT Press, 1985.